Alexandre da Fonseca

Alexandre Fern.z da Fonseca Mid

BIOGRAPHIA

DO SR.

ALEXANDRE FERNANDES DA FONSECA,

FUNDADOR

DA

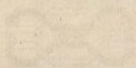
SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

BIOGRAPHIA

DO SR.

ALEXANDRE FERNANDES DA FONSECA,

FUNDADOR

DA

SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES,

PRIMEIRA EM PORTUGAL,

OFFERECIDA Á MESMA

PELO SOCIO

JOÃO JOSÉ DOS SANTOS.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua do Ferregial de Baixo, 22.

1865.

O Senhor é bom, e Elle conforta no dia da tribulação: e conhece aos que esperam n'Elle.

Nahum, cap. 1, 7.

BIOGRAPHIA.

I

O Sr. Alexandre Fernandes da Fonseca nasceu aos 28 de fevereiro de 1798, na aldeia do Bispo, proxima á cidade da Guarda.

Seus paes eram pouco favorecidos da fortuna, porém laboriosos e honrados.

Na infancia, o Sr. Fonseca passou para a companhia de um tio, que na Sé da Guarda era Conego. Em quanto alli esteve recebeu os primeiros elementos da educação e instrucção.

Quando os francezes invadiram Portugal, a cidade da Guarda, bem como muitas do reino, foi entrada pelo exercito inimigo, o Sr. Fonseca, tendo apenas 11 annos, acompanhou seu tio fugindo, para não soffrer os tratos da soldadesca desenfreada.

Por circumstancias faceis de explicar nos tempos de successos extraordinarios, encontrou seus paes, e com elles se refugiou nas abas de uma montanha que demora cerca á cidade da Guarda.

II

Já n'este limitado numero de annos começa a soffrer as inconstancias da sorte.

A uma tal inquietação se junta a doença. No abandono em que estava, a natureza lhe serviu de medicina, e os poucos annos lhe diminuiram o mal por não pensar sériamente n'elle.

Quando já na convalescença, afastou-se de sua morada, e a alguma distancia quatro soldados sahidos de uma casa proxima o encontraram. Eram francezes, e por mais que interrogassem o Sr. Fonseca, este não os entendia. Um d'elles desesperado o agarra, encosta-o a uma pedra, e retrocedendo faz d'elle alvo á sua mira.

A criança, conhecendo que aquelle momento era o termo da vida, cahiu. Um outro soldado commovido do estado afflictivo em que via o pequeno, fez-se mediador officioso, e obteve que não o matasse, e chegando-se a elle o levantou e lhe fez signal para que lhe indicasse o caminho. A criança na realidade não os entendia, e, mesmo que os entendesse, não sabia nada d'estes sitios; o que tornando a enfadar os soldados, o maltrataram de pancadas e atiraram com elle para o leito de um regato proximo, que por fortuna estava sêcco. Seguiram seu caminho, cuidando o deixavam morto.

Alli esteve algum tempo até que recuperando os sentidos, arrastou-se, e a muito custar chegou onde estava a sua familia.

Desde então ficou soffrendo sempre, e este soffrer o acompanhou todos os dias da existencia.

III

Passada que foi esta crise, e que o exercito alliado chegou á cidade da Guarda, elle com a sua familia já alli se achava. O Sr. Fonseca, tendo vivos desejos de ver Lisboa, se offereceu a um official inglez para o acompanhar á capital.

Este official o tomou a seu serviço, e foi tal a amizade que elle e sua familia lhe votaram, que não era tratado por servo, mas sim como membro da familia. Entre os muitos favores com que o distinguiam se conta o de lhe ensinarem o inglez.

Com esta familia esteve o Sr. Fonseca até se celebrar a paz.

Tendo, em consequencia d'esta convenção, as tropas alliadas de volverem ao seu paiz, este official se partiu caminho da sua patria, ficando de parte a parte como penhor da mais cordial amizade as puras affeições de uma saudade viva e permanente nos corações da familia ingleza, e do Sr. Fonseca, que com bastante pezar não a acompanhou. Foi por esta occasião que o Sr. Fonseca entrou para o estabelecimento de Antonio Marrare, onde esteve sete annos, e sahiu d'elle para se estabelecer (por 1822).

IV

As pessoas que educadas na escola da desgraça, e lutando sempre com ella, chegam por seus esforços a abrandal-a, de ordinario ou se tornam duras de coração, olhando para seus similhantes como motores dos passados soffrimentos, ou então pelo contrario, reputando o mundo uma miseria, lembram-se de quantos ma-

les foram victimas, e a esta lembrança associam todos que soffrem, e votam-lhes as mais beneficas sympathias.

A estas segundas pertence o Sr. Fonseca. Seria uma vaidade fazer a enumeração das suas acções bondosas. Elle as praticou acompanhado só do modesto sentir do seu testemunho; nós não devassaremos estes exemplos tão tocantes, que a Religião santifica, que Deos recompensa, embora o mundo os não conheça.

Basta saber que, victima d'este seu desvelado bemfazer, um dia viu esse pouco que possuia fugir pela porta fóra, deixando-o no desamparo, para servir um amigo que afiançára, para lhe evitar os vexames do fisco, e da implacavel sorte.

V

Por este tempo o nosso Portugal se entretinha nos ardentes desejos, que vogavam na maior parte dos paizes europeus, isto é, os que aspiravam a um regimen governativo mais illustrado e conforme aos direitos dos povos.

Se bem que todas as especies de governos conhecidos contenham em suas bases doutrinas que podem fazer a felicidade dos povos, todavia as theorias levam a acreditar que o governo monarchico-representativo é o mais conforme a produzir maior somma de bens.

Para introduzir estas fórmulas, que sempre são novidades na vida vulgar dos povos, succedem conflictos de opinião e de acção. Portugal por uns e outros tem passado ligeiramente.

É por taes occasiões que as paixões se mostram quaes ellas são nos individuos cujos instinctos são máos, aproveitando as revoluções para satisfazerem e exercitarem as suas sempre mesquinhas e miseraveis vinganças, of-

fensivas da moral publica, e, não poucas vezes, dos affectos da amizade, da gratidão e do sangue.

Em uma crise d'estas em que as idéas absolutas reagiam com toda a sua força, animadas pela presença de um Principe inexperiente, o Sr. Fonseca, que sempre se condoía da desgraça, prestava n'aquelles difficeis tempos o serviço que era possivel, no aperto das circumstancias, áquelles que a elle recorriam.

N'estes balanços das agitações politicas, os beneficios classificam-se crimes, e as perseguições consideram-se como virtudes civicas.

Perseguido o Sr. Fonseca, teve de fechar o seu estabelecimento e esconder-se para evitar o mal que lhe promoviam. Não podendo forrar-se a este vertiginoso delirio dos partidos, foi preso.

VI

O homem pacifico e inoffensivo, seja qual fôr a sua opinião, no fundo, elle só deseja o bem da sua patria; em cada desordem só vê a alteração dos principios que podem consolidar a paz; em cada perseguição só antolha um passo largo para o campo dos odios e das vinganças.

Infeliz o principe que não olha para os seus visinhos; que fecha os ouvidos ao som surdo e murmurador do seu povo; que não descobre nos alheios e proprio as tendencias de transição suscitadas por uma tentativa permanente da intelligencia e do exemplo: infeliz por não pensar, e ouvir só a ignorancia, o capricho e a má fé dos que o rodeiam. N'estes casos os povos dão severas lições aos principes, e estes ou no exilio ou no patibu-

lo, choram sem remedio os bens que deixaram de fazer, e com remorsos os males que causaram.

Passadas estas borrascas politicas, brando já o fogo das vinganças, o Sr. Fonseca, em 1834, foi encarregado de fiscalizar os trabalhos pertencentes á Casa real.

Em commissão o incumbiram como apontador geral das obras e preparativos para a sala das sessões da Camara dos Pares no edificio de S. Bento. Acabadas que foram volveu para o paço das Necessidades, onde esteve até ser extincta a casa das obras, da qual passou interinamente para a Bibliotheca.

Vinte e um annos cheios de zelo e dedicação no desempenho das suas obrigações se passaram, até que aos 3 de abril de 1855 foi nomeado para o logar de Porteiro no palacio de Queluz, fazendo ao mesmo tempo as vezes de Almoxarife.

Em todo este periodo, um outro cuidado, que só o amor da humanidade entretinha no seu coração, o occupava constantemente. A formação de uma Sociedade de Artistas com o fim unico de soccorros mutuos para a doença, velhice, viuvez, infancia e inhabilidade das classes operarias. Esta idéa lhe foi suggerida pelo contacto que tinha com os operarios e artistas.

VII

Sem duvida, homem bondoso, elle estudava a vida dos operarios; os seus defeitos, as alternativas dos seus trabalhos, a deficiencia dos salarios, e, sobre tudo a imprevidencia com que o maior numero dos individuos d'estas classes vivem, descuidosos de um futuro que elles mesmos preparam desgraçado e triste.

O homem que aprendeu na escola da desgraça fica sempre com o coração ulcerado, e estremece na presença das feridas que o infortunio abre no peito alheio; e se a sorte ou posição o colloca no meio dos homens, cujo viver a necessidade mortifica e o futuro aterra, o seu trabalho incessante é todo para desviar d'esta porção afflicta da humanidade os golpes que a mão da desventura de continuo lhes crava.

Este sentir intimo e pungente pelo aspecto triste e sombrio que aos seus olhos o quadro das classes trabalhadoras apresentava, é que fez nascer, sustentar e levar ávante a empreza de constituir uma associação de artistas, que servisse de egide a tão repetidos golpes.

N'este lidar, o Sr. Fonseca não dava tregoas ao seu dilecto pensamento, até que em 1839, no dia 3 de fevereiro, conseguiu reunir 19 individuos, e lhes apresentou os Estatutos já approvados pelo Governo de Sua Magestade, aos 17 de janeiro de 1838. Os 19 individuos são em nomes e profissões os seguintes Srs.:

1 Alexandre Fernandes da Fonseca
2 Francisco da Costa . . . . Marceneiro.
3 Domingos de Mattos. . . . . Sapateiro.
4 Antonio Francisco . . . . Serralheiro.
5 João Paulo Nunes . . . . Carpinteiro.
6 Antonio de Carvalho . . . . Dito.
7 Manuel Pedro Alves . . . . Serralheiro.
8 João Marianno Telles . . . . Pintor de brocha.
9 Caetano José de Figueiredo . . . Serralheiro.
10 José Isidoro do Couto. . . . . Vidraceiro.
11 José Dias . . . . Estucador.
12 Gregorio Diniz Collares . . . . . . Funileiro.
13 Antonio Paixão da Cruz. . . . . . Carpinteiro.

14 Mauricio José . . . . Carp. de machado.
15 José Diniz . . . . Funileiro.
16 José Marcelino Alves de Lima . . Pintor d'ornato.
17 José Antonio dos Santos . . . . . Carpinteiro.
18 José Lourenço Caparica . . . . . Dito.
19 Antonio José Nunes . . . . Cuteleiro.

Desde então a pequena semente que o Sr. Fonseca, sabe Deos com quantos sacrificios, lançou á terra, começou medrando lentamente, e podémos afoutos dizer que, se não fôra a constancia, o amor, a caridade, este sentir terno e carinhoso que chora não só os males que vê, porém os que antolha no futuro ¿quem sabe se chegaria a enraizar e germinar?

Aos esforços porém do Sr. Fonseca e dos seus companheiros a tenra planta foi vigorando.

VIII

Com o augmento dos associados, no gyrar dos annos, casos se deram que a lei não prevenia. D'aqui nasceu o desejo, e este se manifestou pela discussão, de ampliar a mesma lei. O Sr. Fonseca, como author dos Estatutos, amava estes como um pae ama seu filho, e, temendo que a reforma apresentada fosse approvada, e por conseguinte destruidas as suas convicções, apresentou um outro projecto d'Estatutos. Este imprimiu-se com a data de 14 de janeiro de 1844. Teve algumas discussões, porém não se ultimou.

As questões economicas são de interesse vital para os corpos de beneficencia, eram estas que serviam continuamente de pretexto para notar deficiencia nos Estatutos primitivos. A Sociedade instada outra vez pela ne-

cessidade de prover estas faltas na lei, nomeou uma commissão com a denominação de *Commissão Legislativa*, composta dos socios os Srs. Joaquim José Pereira, José Antonio Dias, Antonio Joaquim de Oliveira, Francisco da Silva Tojeiro, Emilio Rodrigues Freire, Joaquim Germano de Sousa Neves, e Joaquim Antonio Gonçalves Teixeira.

Esta commissão apresentou seu trabalho a 14 de setembro de 1857. Mandou-se imprimir, e a meza, pelo aviso de 1 fevereiro de 1858, deu para principiar a discutir-se no dia 25 o artigo 11 de preferencia, por ser preciso tratar das quotas mensaes. Ainda d'esta vez houve um igual desfallecimento no exame do dito projecto de reforma, que o fez ficar com o mesmo destino do precedente.

IX

Longe da sua filha querida (assim chamava á Sociedade dos Artistas o Sr. Fonseca), elle bem sabia que, n'estas questões de reforma, varios artigos dos Estatutos eram aggredidos. E pensar o Sr. Fonseca que assim seria sem elle estar presente, para atenuar as impressões desfavoraveis que taes aggressões poderiam causar nos animos dos Socios.... era na verdade para elle um grande martyrio.

Isto porém acontecia muitas vezes, já por incommodo de saude, já pela distancia do caminho, já pelo máo tempo não o permittir, e, não poucas vezes, pelas reflexões de sua esposa, que só tinham em vista forrar o Sr. Fonseca não só ao cançasso e fadiga, como aos empenhos em questões vehementes, que só por si são capazes de aggravar extremamente qualquer padecimento.

X

O seu habitual padecer ía crescendo. O campo que dá vigor a todos os seres, parecia negar-se a corroborar a existencia do Sr. Fonseca. Foi preciso remover sua residencia para Lisboa, não só porque em Queluz não achava lenitivo algum, como porque os tratamentos que a sciencia indicava tornavam-se mais promptos na capital. Obtida a permissão de Sua Magestade, o Sr. Fonseca voltou para Lisboa. Os soccorros porém não venceram o mal. Comtudo nunca este lhe tirou os sentidos, e ainda que trinta e quatro horas antes de fallecer perdeu o uso da falla, não perdeu o de conhecer. Quando via qualquer socio que o visitava, descobria-se-lhe no rosto um signal visivel da alegria que experimentava no interior da sua alma, mostrando por este modo quanto era o apreço e estima que sempre teve por esta filha querida, por quem tanto extremecia de amor e sacrificio.

Sem duvida, Deos, a Esposa, e Sociedade dos Artistas Lisbonenses, foram os pensamentos que a morte, ao dar o ultimo golpe, deixou voar com o espirito para a eternidade, aonde livre dos embaraços humanos, é firme crença nossa, este triplice amor brilha com toda a sua pureza.

XI

No dia 5 de maio de 1860, o Sr. Fonseca passou a melhor vida, tendo percorrido n'esta terra o espaço de 62 annos, 2 mezes e 6 dias.

A 6 foi levado ao cemiterio dos Prazeres, e depositado no jazigo do seu intimo amigo o Sr. Verissimo José Baptista.

Os seus consocios, bem como os associados de todas as outras corporações de classe que existem na capital, se apressaram em tributar n'este momento solemne o maior testemunho que o coração grato e religioso póde dar como prova de estima e nobreza d'alma. Nos seus braços conduziram o finado de casa ao logar do repouso indefinido. N'este sitio os Srs. Vieira da Silva, vice-presidente do Centro Promotor, Silva Albuquerque, presidente da deputação do Gremio Popular, Ferreira da Conceição, e Vellozo, da Sociedade dos Artistas, e Verissimo Amigo, fizeram revoar por cima da lousa pensamentos intimos, que repassaram todos os corações e plantaram na alma as raizes de uma saudade que a vida entreterá sempre, e que na morte o espirito levará á mansão celeste para offerecer pura ao patriarcha das associações modernas em Portugal.

João José dos Santos.